



www.delfimsantos.org

Delfim Santos

Luís F. Lindley Cintra (1966)

A Universidade está mais pobre, Lisboa: *Encontro* 62, nov. 1966.

Foi em 1944 ou 1945. Acabava de aparecer, numa revista de cultura, o meu primeiro artigo. Entrei na velha Faculdade de Letras para as aulas do dia e, com surpresa, vi avançar para mim, da porta da Sala dos Professores, o Dr. Delfim Santos. Nunca tinha sido meu professor — nunca o viria aliás a ser. Elegante como sempre, sorrindo, disse-me algumas palavras de estímulo, fez-me algumas perguntas, deu-me algumas indicações. O então estudante do 3.º ou 4.º ano de Românicas — para além das palavras timidamente articuladas na ocasião — nunca agradeceu como devia, àquele que veio a ser um dos mais admirados entre os seus colegas mais velhos, este primeiro gesto de aproximação, que abriu o caminho a muitas conversas sobre os mais variados assuntos, espalhadas ao longo de vinte anos de convivência, e à crescente amizade que as preocupações e os sofrimentos vividos em comum em 1962 e nos anos imediatamente seguintes viriam aprofundar e consolidar definitivamente.

Se hoje — na dor que o súbito e inesperado desaparecimento do colega, do professor e do amigo nos traz a todos — começo por evocar este gesto, é porque vejo nele claramente manifestada uma das principais características de Delfim Santos, como homem e como professor: o seu espírito aberto, atento a tudo o que fosse ou lhe parecesse manifestação de cultura, num desejo sempre vivo de a acolher de a apoiar e de a estimular. Não se explicava de outra maneira a sua presença certa, quase infalível, em tantas atividades de tipo cultural dentro da Universidade como fora dela. Pode-se afirmar que não havia, na Faculdade como em qualquer outra [instituição], conferência de interesse, colóquio, concerto, representação teatral, récita de poesia, exposição, a que o Prof. Delfim Santos não viesse assistir, quando ele próprio não colaborava na sua organização. E sabiam os conferencistas, os executantes, os expositores, os estudantes ou professores promotores da sessão que essa presença significava sempre, como conclusão, um comentário lúcido e estimulante — que transformava essa presença numa forma ativa de colaboração.

E o que se passava no interior da Universidade passava-se no exterior: ali onde qualquer manifestação cultural autêntica se realizava na vida de Lisboa, conferência, colóquio, concerto, representação, era quase seguro aparecer Delfim Santos. Foi esta



www.delfimsantos.org

uma das suas formas — e não a menos importante — de intervir na vida intelectual e artística de Portugal no tempo em que lhe coube viver.

Esta intervenção foi marcada — como o gesto que comecei por evocar, como toda a sua atividade como professor e como escritor — por uma qualidade que me parece necessário destacar como um dos traços fundamentais da sua personalidade: a extrema elegância das suas atitudes. Uma elegância que nada tinha de superficial, que estava associada a um modo de encarar a vida e os homens voluntariamente sereno e tolerante. Mesmo nos momentos mais graves, de maior nervosismo e agitação, podia-se admirar no Prof. Delfim Santos o domínio de si próprio, a sobriedade das palavras e dos gestos, a força de vontade com que — por vezes com verdadeiro sofrimento — sabia evitar atitudes descontroladas e extremas.

A sobriedade e a elegância são, de resto, um dos traços que distinguem o estilo do escritor que durante algum tempo chegou a ocupar a presidência da Sociedade Portuguesa de Escritores. Não me proponho nem saberia, nestas linhas evocativas, principalmente dedicadas a Delfim Santos como homem e como professor, incluir uma análise das obras que nos deixou. A esse respeito apenas lembrarei com a amargura que uma sincera amizade me comunica, a triste singularidade do destino de um professor — autor de uma valiosa obra filosófica, sempre desejoso de ensinar filosofia na Universidade em que professava — e que uma defeituosa estrutura da Universidade e uma série de circunstâncias que não é este evidentemente o momento de recordar, impediram até ao momento da sua morte de realizar o seu mais profundo desejo.

Catedrático de pedagogia — não contra a sua vontade, mas de certo modo apesar dela — Delfim Santos procurou e conseguiu, no entanto, dentro da especialidade que foi levado a cultivar como campo central dos seus estudos, desempenhar as funções que lhe competiam da maneira mais completa e séria que as circunstâncias o permitiam. Essa seriedade não podia deixar, antes de mais nada, de o levar a protestar contra a inaceitável organização atual do Curso de Ciências Pedagógicas. Durante anos sucederam-se as suas representações e propostas de reforma. Houve enfim um momento em que a sua voz, aliás sempre apoiada pela da sua Faculdade, pareceu ir ser ouvida. Era então ministro da Educação Nacional o Prof. Eng.º Leite Pinto e Delfim Santos foi encarregado de, uma vez estudada a organização de institutos estrangeiros análogos, planear a criação do Instituto Superior de Pedagogia cuja falta tão profundamente se fazia e faz ainda sentir em Portugal. Realizados os estudos necessários e apresentado o pedido plano, nunca o seu autor, infelizmente, o viu aceite nem posto em prática. Acaba de morrer sem que se tenha alterado a defeituosa estrutura que tantas vezes criticou e tanto o fez sofrer pela sua total ineficácia (apesar das promessas implícitas no próprio texto da reforma das



www.delfimsantos.org

Faculdades de Letras de 1957 que manteve o curso tal como estava desde 1930 «até se reorganizarem os estudos superiores de pedagogia»).

A criação do Centro de Investigação Pedagógica pela Fundação Calouste Gulbenkian, de cujo Concelho de Educação fazia parte, e a sua nomeação para Diretor pareciam destinadas de certa maneira a compensá-lo desta desilusão. Infelizmente, a sua morte prematura impediu-o de realizar no quadro desse Centro alguns dos projetos no campo da pedagogia que já tinha esboçado e dado a conhecer. Desaparece precisamente quando começavam a observar-se os resultados das primeiras iniciativas tomadas pelo Centro.

A falta inesperada do Prof. Delfim Santos vai fazer-se sentir pesadamente em vários campos da ciência e da vida cultural portuguesa. Mas é a Universidade, em cuja vida de tal modo e há tantos anos estava integrado, a sua Faculdade de Letras, já tão pobre em professores verdadeiros, que sentirá, mais dolorosamente e durante muito tempo, a ausência de um dos espíritos mais cultos, mais lúcidos, mais abertos que nela têm ensinado.

Luís F. Lindley Cintra